

A(DOR)A, das entranhas dos porões ditatoriais às histórias não-contadas, Maria Auxiliadora Lara Barcelos: uma guerrilheira sob choques, amores, refúgios, projéteis, perseguições, alegrias, facetas e sua poética e(n)mLUTA(da) na *práxis* crítica dos absurdos ditatoriais

Everton da Silva José¹

A Cia. Provisório - Definitivo (de São Paulo), em 19/08/2023, apresentou o espetáculo de encerramento da 5ª Mostra de Teatro de Heliópolis. A obra nomeada *A(DOR)A* aborda [em sua poética] um período histórico que necessita ser exumado, revirado e tornado notório nas mentalidades e memória do presente, pois o “famélico” passado ditatorial, em seus requintes de crueldade, foi engolido pelos escombros e tentativas de esquecimento sobre a ditadura civil militar brasileira, vergonhosa, mas que não se avexou.

Destaca-se no espetáculo além dos atores Pedro Guilherme e Thiago Andreuccetti e equipe, as três atrizes: Ana Tardivo, Flávia Couto e Sofia Botelho que fazem viver a figura “memoriosa” de Maria Auxiliadora Lara Barcelos, apelidada afetivamente por *Dora, Dorinha, Dodora ou Doralice*, em consequência, sobretudo, da luta militante-política em que mergulhou. Por meio de refluxos e choques tecidos a golpes do passado de uma mulher guerrilheira, amante, enfurecida, contraditória, pois, de um passado não tão distante e apartado, em razão de o movimento histórico caracterizar-se por um lento mover-se espiralado pelas concretudes e transformações humanas, as atrizes transladam entre camadas interiores e exteriores uma interpretação em fragmentos, por meio de um contínuo processo de ser e de dialogar com si mesmo, uma e outra ao mesmo tempo, apresentando práticas de percepção e jogo cênico de viva sofisticação.

Convocar uma epicização da vida na cena controlada pelo regime técnico e convivial do espaço teatral não é menos sensível do que o choque com o real que o espetáculo aborda, pelo contrário, por expedientes e práticas seletivas vê-se em

¹ Everton da Silva José é licenciado e mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP-MG). Atualmente, é doutorando no Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho (PPGA-IA-Unesp/SP), sendo seu sujeito de pesquisa as epistemologias da *práxis* no Grupo Opinião, sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre. Mate Contato: everton.jose@unesp.br

A(DOR)A o deflagrar de níveis e gradações de subjetividade na constituição de uma pluralidade de facetas e identidade de Dora e, também, não menos importante, daqueles e daquelas, *gentes* que, coletivamente, essa palavra tem um sentido ímpar no contexto de quem esteve nas guerrilhas como Dora, ao participar da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (Var - Palmares), não se desvaneceram, e na decisão pela luta armada contra a ditadura civil-militar se impuseram.

Na sonoridade de choques que entrecortam as temporalidades da cena e da concreta narrativa, o espetáculo coloca nas palavras de Dora: “Não tem lei nesse mundo que vai impedir o boi de voar”, apresentando uma Dora que, com coragem, e significativas doses de idealismo e sonhos, enfrenta o patriarcado social e familiar e torna-se médica, e não uma “P###A”, como a figura masculina do pai expõe ao saber das vontades concretas de sua primogênita.

O espetáculo, aborda facetas do enlutamento, uma prática de celebrar os seus mortos, não como festejo que se banaliza, mas a conferir-lhes honra e memória. A obra, tecida a saltos temporais, traz uma ficcionalização documental do real vivido, mas não deixamos de saber que as atrizes mostram a personagem e atributos sensíveis nos quadros que são estabelecidos, estamos no teatro, sabemos disso, podemos, como diz a atriz Sofia Botelho diretamente ao público, em determinado momento do espetáculo: “[...] Vocês podem ir embora se quiserem, mas também podem se indignar”.

Na percepção de uma espectadora, de cabelos brancos, durante um diálogo pós-espetáculo, tendo em vista a importância de sua idade, testemunha em direção à Companhia: “É uma realidade o que aconteceu”. O espetáculo com profunda imersão nas sensibilidades e delicadezas meticulosas, realiza com suas cenas entrecortadas um engenho artístico perspicaz, no qual se releva a acuidade no trato poético com a matéria histórica em evidência.

A(DOR)A é poesia concreta, palavra-nome, palavra-identidade-movente, palavra-corpo, palavra-choque, palavra-luto. Walter Benjamin, em seu arguto ensaio sobre o ato de narrar propõe uma observação segundo a qual: “Por mais familiar que seja seu nome, o narrador não está de fato presente entre nós, em sua

atualidade ativa. Ele é algo distante, e que se distancia ainda mais”. De fato, e em relação, na obra assistida as subjetividades de Dora são aproximadas para perto, mas para evidenciar a sua distância; são colocadas próximas, mas para evidenciar a estranheza do tempo. A proposição do chamado “efeito V” (*Verfremdungseffekt*), efeito de distanciamento ou estranhamento, e o entendimento de um teatro científico como proposto por Bertolt Brecht pode ser apreendido na encenação, sobretudo em razão de expedientes que buscam envolver e (dialeticamente) distanciar, fazer sentir e fazer pensar, ao mesmo tempo, além de colocar, em proximidade física, todos os processos do palco à vista de quem assiste. A obra poderia ser nomeada de contemporânea, no entanto, isso seria pouco, tendo em vista os processos das matérias históricas abordadas. *A(DOR)A*, na condição de obra teatralista, organiza seu material como processo em que se depõe (em sentido jurídico) manifestando evidências de estruturas formais épicas com notoriedade.

“O palco não é um herbário nem um museu zoológico com animais empalhados”² afirma Brecht quando convoca a atividade do/da ator/atriz, o que em perspectiva semântica, caracteriza em *práxis* interpretativa. Nesse sentido, repleta de emoções e volições, o espetáculo configura e desfigura estilos de atuação, trata com exímio respeito cenas que, de caráter extremado de violência em sua realidade, como nos processos de indigestas torturas, mortes e desaparecimentos, do ponto de vista do palco, recebem tratamento apurado, mas sem deixar de provocar e buscar expressar o choque.

O choque, ora no sentido material, ora psicológico, ora no sentido figurado ou simbólico, parece ser buscado como modo a elucidar a impossibilidade de narrar/mostrar aquilo que é “inenarrável” da experiência, ou ainda, o sentimento do choque torna-se irrepetível em proposições assemelhadas. Este é um dos paradoxos artísticos abordados pela Companhia, a saber, tratar de uma matéria histórica de teor horrendo e, nele, a luta de uma mulher de engajamento latente e a sua sensibilidade afetiva. Observa-se no espetáculo a maestria artística do conjunto criador ao lidar com este par contraditório e paradoxal (dito antinômico), mas sem transfigurar o sentido das violências sofridas pela protagonista da obra. O que se

² BRECHT, Bertolt. *Sobre a profissão do ator*. Werner Hecht (org.); tradução, introdução e notas de Laura Brauer e Pedro Mantovani. São Paulo: Editora 34, 2022.

nota é que a encenação da peça ganha uma afetividade crítica e cuidadosa ao tratar, parafraseando Walter Benjamin, de *escovar a história a contrapelo*, sem deixar de ressaltar a brutalidade bestial dos procedimentos de distintas e articuladas torturas.

Existem gestos que se tornam potentes ao serem compartilhados e interpelados pela imaginação espectral-convival, existem gestos que na escuridão e apenas como um suspiro ou ruído convulsionam e levam ao processo de virtualidade, o qual, em compartilhamento convivial, transforma-se e exacerba o sentimento do evento, escapando às determinações e limites do ato teatral. Nem tudo é sobre ver, mas ver está no processo, seja nas imagens mentais, seja nas possibilidades da matéria histórica e gestual tratada. Nem tudo é sobre o fato da ditadura civil-militar, mas se sabe dos fatos (pelo menos aqueles que se invocam em perseguir a história brasileira), nem tudo é apagado, assim como nem tudo é lembrado.

A(DOR)A, por profunda responsabilidade trata, cênica e dramaturgicamente, de uma figura de importância nacional e histórica, convoca uma parte da individualidade histórica de Maria Auxiliadora Lara Barcelos, aquilo que se fez singular e notório, mas é de suma relevância ter em mente que, aqueles que se embrenharam em enfrentar os milicos, que se colocaram no *front* contra os absurdos da repressão civil enquanto camaradas, por um mundo melhor e concretamente se firmaram e depuseram na/com a vida uma vida que merece ser vivida, aquela que não se subsume, e que materialmente dirá “Não tem lei nesse mundo que vai impedir o boi de voar”, essa é uma das facetas de Dora! Dorinha! Dodora! Doralice! Então, se em vida não houve lugar à sua existência gigante, que o teatro da Cia. Provisório - Definitivo possa prosseguir fortemente na apresentação e debate sobre a sua insuperável presença e luta.